
DESCRIÇÃO DAS ETAPAS DA ESCRITA DE UM DIÁRIO ACADÊMICO ILUSTRADO COM AS REFLEXÕES DE SNYDERS E TEIXEIRA

Maria Júlia de Paiva Almeida
Cristine Tinoco da Cunha Lima Rosado
Edna Maria da Cruz
Jacileide Ferreira Targino da Cruz Melo
Kalline Bezerra da Silva Flor
Tércia Maria Souza de Moura Marques
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
mariajuliadepaiva@yahoo.com.br

Introdução

O presente trabalho documenta a experiência metodológica de escrita de um diário acadêmico, vivenciada no curso da disciplina Educação Brasileira, do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), no período letivo 2010.1.

O diário acadêmico foi proposto como procedimento metodológico de trabalho em grupo, para o estudo de dois autores a serem confrontados e relacionados a outros autores estudados nesse curso, bem como apresentados, conforme diário, em seminário. Desse modo, cada grupo estudou e confrontou dois ou mais autores, trazendo à discussão muitos dos conhecimentos que constituem a História da Educação Brasileira.

O diário é aqui compreendido como um gênero narrativo que se adequa plenamente às atividades pedagógicas da graduação e pós-graduação, pela possibilidade de uso do mesmo nas situações de estudo e nas de pesquisa. No momento da construção dos diários, estudamos autores brasileiros e estrangeiros. Ao nosso grupo, coube o confronto das obras de Snyders (2001) e Teixeira (1975).

Conforme o objetivo proposto para a atividade de estudo ou pesquisa, o diário acadêmico deve configurar uma sequência de passos ou etapas e registro sistemático de determinados elementos que o caracterizam como tal. São esses elementos e ou etapas que contemplaremos no processo de descrição da escrita do diário acadêmico, por nós ensaiado. Este é o objetivo deste trabalho.

Esta descrição das etapas da escrita do diário acadêmico será também exemplificada neste texto, mas refletiremos sobre essas etapas da escrita, sobre o que é este gênero narrativo, com o intuito de aperfeiçoar sua construção e difundi-lo. O diário acadêmico de Araújo (2009) serviu-nos de modelo, embora se trate de uma elaboração individual. O nosso é

resultado de uma construção em grupo, e, por isso, implica noutra organização metodológica, orientada por critérios internos da própria escrita do diário e da dinâmica de grupo.

É conveniente, desde já, chamar a atenção para essa organização metodológica, porque é ela que determina o caráter sequencial e diferenciado que cada diário encerra no processo de sua construção. Nessa sequência, fica estabelecido o confronto pretendido, conforme objetivo proposto no início do trabalho. Produzimos a síntese sob a forma de diário acadêmico, e a apresentamos para toda turma, em seminário.

Diário Acadêmico: descrição das etapas da escrita

O diário acadêmico é aqui definido, conforme dissemos antes, como um gênero narrativo, justamente pela forma de sua escrita. Narramos desde a introdução: dizemos onde ele se situa, o objetivo do estudo a ser desenvolvido, registramos todos os eventos vividos no grupo, datas e locais de encontro. A dinâmica do estudo fica, por essa forma, documentada. Vamos deixando, às claras, os critérios metodológicos observados nas distintas etapas de sua escrita e, passo a passo, delineamos a forma de apresentação final. Deste modo, predomina a metodologia da narrativa, pois produzimos uma narrativa, como a concebe Josso (2004, p. 43) “material para compreender os processos de formação, de conhecimento e aprendizagem”.

A narrativa permite-nos contar histórias, dizer como realizamos um trabalho ou relatar experiências. Infante (2000, p. 32) diz-nos que com esse fazer “[...] exercemos o intercâmbio comunicativo que caracteriza nossa vida comunitária”. Com este tipo de comunicação verbal, focalizamos a comunidade acadêmica. Compreendemos dessa maneira a dimensão e profundidade dessa tipologia textual, lembrando que ela é uma das formas de inserirmo-nos no fenômeno social da interação verbal, tal como explicita Bakhtin (1988). Este autor diz mais sobre o discurso escrito, ao prosseguir na argumentação sobre esse fenômeno:

[...] o discurso escrito é de certa maneira parte integrante de uma discussão ideológica em grande escala: ele responde a alguma coisa, refuta, confirma, antecipa as respostas e objeções potenciais, procura apoio, etc. (BAKHTIN, 1988, p. 123.)

Daí resulta nosso entendimento: o diário acadêmico, com a estrutura de narrativa, de acordo com os elementos que o caracterizam, tais como: a) indicação de tempo e lugar onde são desenvolvidas as ações do indivíduo ou do grupo; b) definição do objetivo que justifica o estudo; c) definição da metodologia que orientará todo processo de estudo ou pesquisa; d)

avaliação dos fatos vividos pelo indivíduo ou grupo; d) e, finalmente, a escrita do texto, constitui uma parte desse fenômeno maior.

Esse entendimento se sedimenta, quando, ainda seguindo a argumentação deste autor, encontramos a seguinte afirmativa:

Qualquer enunciação, por mais significativa e completa que seja, constitui apenas uma *fração* de uma corrente de comunicação verbal ininterrupta (concernente à vida cotidiana, à literatura, ao conhecimento, à política, etc.). Mas essa comunicação verbal ininterrupta constitui, por sua vez, apenas um momento na evolução contínua, em todas as direções, de um grupo social determinado. (BAKHTIN, 1988, p. 123).

Bakhtin (1988, p. 124) nos faz ver também que a comunicação verbal não poderá jamais ser compreendida e explicada fora desse vínculo com a situação concreta. Por esta razão, logo à introdução do diário acadêmico, informamos sobre o contexto dos nossos estudos na referida disciplina e os motivos ou objetivos de sua escrita. Assim sendo, este diário insere-se na situação concreta dos estudos da disciplina Educação Brasileira, do programa e instituição mencionados; foi previsto para o confronto de dois autores da bibliografia do curso e para o estabelecimento de relações destes com outros autores estudados, e apresentação sob a forma de seminário.

Ao observar essa inserção, estabelecíamos os primeiros elos desta comunicação, ensaiávamos os primeiros passos de sua escrita. Estivemos sempre atentas para o caráter científico dessa produção, e agora, comungamos com o autor, quando explica o fenômeno da comunicação verbal e ininterrupta e mostra que um importante problema daí decorre, qual seja: o estudo das relações entre a situação concreta e a situação extralingüística. Ele argumenta:

Essas relações assumem formas diversas, e os diversos elementos da situação recebem, em ligação com uma e outra forma, uma significação diferente (assim, os elos que se estabelecem com os diferentes elementos de uma situação de comunicação artística diferem dos de uma comunicação científica). (BAKHTIN, 1988, p.124).

Tivemos inicialmente essa compreensão, pautando-nos pelo diário de ARAÚJO (2009). O autor que ora citamos, dá-nos essa convicção. O diário acadêmico era uma comunicação científica, por isso discutimos logo no primeiro encontro do grupo, a sistemática de trabalho que iríamos adotar, ou seja, a metodologia para a elaboração do diário: a observação dos elementos que caracterizariam um diário e os critérios a serem adotados ao

longo do processo de escrita do mesmo. Decidimos como começar a pesquisa dos autores. Já nos encaminhávamos para a segunda etapa da produção do diário. O grupo deveria conduzir-se, da seguinte forma:

- a) realizar leituras individuais das obras;
- b) elaborar resumos, a serem apresentados no próximo encontro do grupo, oportunidade em que cada membro socializaria sua leitura, com base nos seus apontamentos.

No segundo momento de encontro do grupo, após colocarmos nossas principais ideias sobre as obras, definimos as categorias que deveríamos destacar para orientar a pesquisa das obras indicadas. Optamos por pesquisar as concepções dos autores sobre criança, infância e educação escolar, a exemplo do que havíamos feito no estudo de outros autores nesse mesmo curso; destacaríamos também a temática de cada obra.

Dessa maneira, um importante passo fora dado: a seleção das categorias de análise da pesquisa. Elas nos manteriam unidas nesta mesma busca, e nos permitiriam embasar o confronto das ideias ou reflexões dos autores indicados. Combinamos que faríamos um quadro comparativo dessas concepções, pois vimos que ele nos auxiliaria na análise das mesmas, de modo a chegarmos à síntese.

Na terceira etapa, confrontamos, mais uma vez, nossos apontamentos, discutindo as concepções destacadas, analisando-as, conforme o princípio comparativo adotado. Socializamos os destaques de nossas leituras, elaborando a síntese das principais categorias identificadas. Quatro membros do grupo ficaram responsáveis pelos registros sistemáticos dos fatos nele vividos. Aqui, já contávamos com os registros das principais condutas do grupo e esboçamos a estrutura da escrita final do diário. Revisamos a redação das sínteses alcançadas, compatibilizando-as com objetivo e metodologia firmados.

Marcamos mais um encontro. Este se caracterizou como a quarta etapa, uma das mais importantes do trabalho, visto que aprofundamos a discussão das ideias de cada autor e destacamos a temática de cada obra. Estabelecemos relações com outros autores anteriormente estudados. Escolhemos o título do diário. Firmamos nossa opinião sobre o processo de escrita do mesmo. Chegamos à redação final do texto. Marcamos mais um encontro para revisão geral do texto. Fizemos a leitura oral do diário no grupo. O material básico para o seminário estava pronto.

Mais uma vez voltamos a Bakhtin, para lembrar que este tipo de comunicação verbal se entrelaça a outros tipos de comunicação, por isso ele afirma:

Graças a esse vínculo concreto com a situação, a comunicação verbal é sempre acompanhada por atos sociais de caráter não verbal (gestos do trabalho, atos simbólicos de um ritual, cerimônias, etc.), dos quais ela é muitas vezes apenas o complemento, desempenhando um papel meramente auxiliar. (BAKHTIN, 1988, p. 124).

Vimos, por ocasião do seminário que este tipo de comunicação, o diário acadêmico, tem realmente este caráter complementar, auxiliar, mas o processo metodológico de sua construção, a nosso ver, consagra-lhe atributos mais significativos, isto é, o de ser objetivo e sistemático, além de ser a forma especial de trazer à tona reflexões fecundas que estão guardadas em obras educacionais. O diário acadêmico foi mais que um recurso que nos permitiu essas revelações, nós o percebemos como um método de estudo.

O seminário foi também momento de comunicação verbal, quando lemos o diário para toda a turma. Socializamos a leitura de dois materiais: as obras lidas e o próprio diário. Vivenciamos outros atos sociais, como disse o autor acima citado, quando desenvolvemos *gestos do trabalho*, tais como: a apresentação do grupo; a apresentação das obras (mostrando-as); a distribuição de cópias do diário para todos os participantes do curso; a disponibilização do grupo e espera para eventuais questões sobre os temas sumarizados no diário acadêmico e avaliação oral do mesmo por outros membros da turma.

Exemplificação das etapas da escrita do diário acadêmico.

As ideias, até então colocadas, a propósito das etapas da escrita do diário acadêmico, podem ser compatibilizadas, e essa é a intenção deste tópico, com a visualização do diário acadêmico escrito por este grupo que apresenta o atual trabalho. Procuramos nesse processo de descrição acrescentar conhecimentos, com base nos autores consultados, que poderão ser aproveitados por ocasião da escrita de outros diários. Como exemplo, eis o diário que escrevemos de 11 de junho de 2010 a 08 de julho de 2010:

Escola: alegria e transformação

Passamos, no curso da Disciplina Educação Brasileira, ao exercício do Diário Acadêmico, procedimento de trabalho em grupo, previsto em sua metodologia, para o estudo de mais dois autores, a serem confrontados e apresentados, em seminário, pelo uso deste diário .

De conformidade com Araújo (2009), o Diário Acadêmico “pode ser definido como um gênero narrativo inerente à atividade pedagógica do ensino de graduação e pós-graduação, para suas intersecções com o ato de estudar e de pesquisar”. Assim, em onze de junho de dois mil e dez, no Centro de Convivência do Setor V, reunimo-nos, a fim de discutir a sistemática do trabalho a ser realizado: a escrita de um diário acadêmico, tendo por base as obras indicadas: Anísio Teixeira: Pequena Introdução à Filosofia da Educação e Georges Snyders: Alunos Felizes. Neste primeiro encontro, definimos uma metodologia para a elaboração deste diário: I – Leitura individual das obras e resumos; II – Definição das concepções para pesquisa; III – Socialização das leituras e IV – Elaboração do diário.

No segundo encontro, em vinte e cinco de junho de dois mil e dez, às 16h30min, no mesmo Centro de Convivência, decidimos seguir o método adotado pela Profª Marta Araújo, no decorrer do curso e exercitado em diferentes leituras, para a identificação das concepções de: criança, infância e educação escolar, com a finalidade de embasar o confronto de ideias dos autores.

Em vinte e nove de junho de dois mil e dez, às 14h30min, na residência de uma das componentes do grupo, confrontamos nossos apontamentos, discutindo as concepções encontradas. Em Alunos Felizes: reflexão sobre a alegria na escola a partir de textos literários, Georges Snyders (Educador francês, 1917-.), idealiza uma escola que desperte e fortaleça no aluno “[...] a alegria de participar do progresso” (SNYDERS, 1993, p. 201). Neste sentido, o autor evidencia que a passagem dos alunos pela escola deverá acontecer de modo que os mesmos se sintam “[...] participantes de um movimento de autoprogessão, do progresso da sua comunidade, do progresso do mundo” (SNYDERS, 1993, p. 200). Já em Pequena Introdução à Filosofia da Educação: a escola progressiva ou a transformação da escola – publicado em 1934, com o título Educação Progressiva, modificado posteriormente, Anísio Teixeira (1900 - 1971) apresenta os fundamentos da educação progressiva numa base filosófica que defende uma escola democrática, ativa, reflexiva e transformadora, em contraposição à escola tradicional. Vejamos um dos seus argumentos:

Nessa ordem de mudança constante e de permanente revisão, duas coisas ressaltam que alteram profundamente o conceito da velha escola tradicional: a) precisamos preparar os homens para indagar e resolver por si os seus problemas; b) temos que construir a nossa escola, não como preparação para um futuro conhecido, mas para um futuro rigorosamente imprevisível. (TEIXEIRA, 2007, p.40).

De acordo com o objetivo do trabalho, apresentamos as concepções de criança, infância e educação escolar, nas obras em estudo. Isto é, chegamos ao confronto pretendido:

1) Snyders concebe criança como um ser dotado para o presente, capaz de coincidir com o interesse presente, inteira em seu ser atual. Assim, a infância é mais que um tempo de ensaios preparatórios, já constitui uma vida harmoniosa, é algo grandioso e enraizado que fundamenta uma grande construção. Compreende, então, que a educação escolar deve transformar os conteúdos escolares e colocar em primeiro plano a obra prima e a alegria

2) Teixeira argumenta que a criança é um fim em si mesmo, possuidora de tendências, impulsos, atividades e projetos, um ser livre e autônomo. Desta forma concebe a infância como a etapa da alegria, das cores, do movimento e do som, fase singular de direitos que merece respeito e atenção. Para ele a educação escolar deve habilitar o indivíduo a viver melhor e ajustá-lo ao seu meio. Daí conceber o programa escolar organizado em uma série de experiências reais e socializáveis.

Em seis de julho às 15h, aprofundamos a discussão e chegamos à compreensão de que em Snyders a temática central é a alegria, a satisfação que a escola deve proporcionar ao aluno. Ele analisa ainda a função da cultura erudita/escolar na alegria e o poder desta de transformar a escola e a educação. Teixeira repensa as reformulações e/ou renovações que as escolas se destinam ao longo de suas histórias, tendo como preocupação central a análise das transformações. Destaca como justificativas dessas mudanças a necessidade de pensarmos a relação educação e sociedade.

As obras confrontadas permitiram-nos observar o quanto os autores se aproximam ou se assemelham na forma de conceber criança, infância e educação escolar.

O estudo destes autores permitiu reportarmos-nos às leituras dos clássicos, realizadas na primeira etapa do curso de Educação Brasileira. A exemplo disso, pudemos lembrar que na obra Emilio, de Rosseau, há referência à alegria, quando menciona que a infância “é a idade da alegria” e que, às crianças, deve ser favorecida a brincadeira, os prazeres e seu amável instinto. Esse é o fundamento maior da obra de Snyders. Encontramos em Teixeira uma base filosófica democrática que tem origem no pensamento de John Dewey, especialmente, no que se refere à educação da criança, quando argumenta que a mesma é uma constante reconstrução/transformação.

Em oito de julho de 2010, às 17h, na residência de uma das componentes do grupo, consideramos que este procedimento favorece a sistematização dos conhecimentos e

objetivação do seminário; referenciamos os autores¹ estudados; demos por concluído o Diário e fizemos a leitura do mesmo.

Considerações finais

Produzir este trabalho significou refletir mais sobre o processo de elaboração de um diário acadêmico, compreender melhor a natureza deste gênero narrativo, pela revisão teórica dos autores que tratam da narrativa. Temos, por isso, agora, mais convicção do caráter científico deste tipo de composição textual.

Reconhecemos duas propriedades que justificam a utilização deste gênero textual nas atividades da academia, quais sejam: a possibilidade de sistematizar os conhecimentos buscados, bem como a de objetivar a apresentação destes em seminário.

A escrita de um diário acadêmico, em grupo, que obedece a uma sequência de etapas previamente estabelecidas em sua metodologia, evidencia a dinâmica de estudo vivenciada internamente por seus participantes.

Outros fatos igualmente importantes foram percebidos nos momentos da escrita de nosso primeiro diário acadêmico, e agora ratificados nesta descrição destas etapas e reflexão sobre as mesmas. Foram eles:

- a) a observância de tais etapas, que caracterizam a metodologia adotada, permite-nos o exercício constante das distintas habilidades lingüísticas: falar, ouvir ler e escrever;
- b) a leitura, por ser a condição básica para a escrita pretendida, e, por esta razão, ser socializada em distintos momentos dessa escrita no pequeno grupo e, finalmente, no grande grupo, parece preponderar. Esta socialização da leitura é aqui compreendida como a oportunidade de dar a conhecer ao outro aquilo que aprendemos através deste procedimento; é compartilhar o conhecimento obtido (pela leitura). Mas a escrita também é socializada, pois estamos a fazer a síntese permanente dos nossos achados da pesquisa e os nossos escritos, numa produção como esta, permanecem, podem ser lidos por outrem, revisados, criticados, reelaborados, aperfeiçoados, etc..

Vimos que o objetivo de estudo e a metodologia propostos para a escrita do diário acadêmico determinam a forma final e a eficácia deste gênero literário.

¹ Os autores Araújo, Snyders, Rosseau, Teixeira e Dewey citados no corpo do diário acadêmico estão contemplados na lista de referências deste texto.

Referências

ARAÚJO, Marta Maria de. **Pedagogia e educação modernas (século XVI)**. Natal, 2009.

BAKHTIN, Mikhail (Volochinov). **Marxismo e Filosofia da Linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. . São Paulo: Hucitec, 1988.

DEWEY, Jonh. **Vida e educação**. São Paulo: Melhoramentos, 1965.

INFANTE, Ulisses. **Textos**: leituras e escritas: literatura, língua e redação. São Paulo: Scpione, 2000. v. 2.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. Tradução José Cláudio e Júlia Ferreira. São Paulo: Cortez, 2004.

ROSADO, Cristine Tinoco da Cunha Lima [et al]. **Escola: alegria e transformação. Natal: [s.n], 2010. (Trabalho apresentado como requisito de avaliação na disciplina Educação Brasileira do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).**

ROSSEAU, Jean Jacques. Emílio ou da educação. Tradução de Roberto Leal Ferreira. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SNYDERS, Georges. **Alunos felizes**: reflexão sobre a alegria na escola a partir de textos literários. 3.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

TEIXEIRA, Anísio. **Pequena introdução à Filosofia da Educação**: a escola progressiva ou a transformação da escola. 7.ed. rev. São Paulo: Companhia editora nacional, 1975.